



**ESTATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO DE APRENDIZAGEM
SOBRE O CONCEITO DE PROPORCIONALIDADE: CONTRIBUIÇÕES
DO ALUNO-MONITOR**

Jaqueline Nascimento Dos Santos Cuel
jaquecuel@yahoo.com.br

Francisco José Brabo Bezerra
francisco.bezerra@ufabc.edu.br

Resumo:

O presente relato buscou descrever o desenvolvimento de uma atividade cujo objetivo principal foi a aprendizagem do conceito de proporcionalidade em período de recuperação paralela de aprendizagem. Foi realizada numa escola da rede municipal no ABC Paulista e envolveu um grupo de alunos do 8º ano, de 3 salas diferentes, com uma média de 22 alunos em cada uma delas. A estratégia metodológica planejada e adotada buscou a interação entre os alunos que demonstraram facilidade ao aprender o conteúdo mencionado com aqueles que apresentaram dificuldade na compreensão desse conceito. A interação foi realizada durante quatro aulas, dentro de um período dedicado à recuperação paralela de aprendizagem. Nesse período, cada aluno que apresentava aparente domínio sobre o conceito de proporcionalidade e que espontaneamente aceitou participar da atividade como aluno monitor, “adotou” um colega de classe com dificuldade como parceiro de aprendizagem. Cada aluno monitor tinha por objetivo auxiliar o colega, e, em diálogo com o conteúdo, contribuir na compreensão e aplicação das atividades, sempre com a mediação e supervisão do professor. Percebemos que a interação entre os pares melhora significativamente a aprendizagem dos alunos em recuperação, e consequente satisfação dos monitores com a sua contribuição na aprendizagem dos colegas de turma.

Palavras-chave: Educação Matemática. Recuperação de aprendizagem. Aluno monitor.

Introdução

Este trabalho buscou relatar uma experiência vivenciada em sala de aula, cujo objetivo era promover uma situação de aprendizagem pensada, planejada e mediada pelo professor, procurando desenvolver e aprimorar os conhecimentos dos alunos. Nele, discutimos o papel do aluno-monitor e as possíveis vantagens de sua atuação.

Avaliar é sempre algo muito subjetivo. Zabala (1998) nos diz que avaliar representa uma atividade orientada para o futuro, e neste ponto, distingue-se quanto à medição. Medir está ligado ao presente e passado, e pretende informar sobre o progresso de determinada situação. Avaliar, ao contrário, exige uma reflexão sobre as informações obtidas para, assim, poder planejar o futuro, tendo como objetivo a (re)orientação.



Moran (2006) salienta que, [...] Bons gestores são fundamentais para dinamizar a escola, para buscar caminho, para motivar todos os envolvidos. [...] todos os envolvidos com educação são gestores, assim o professor também é um gestor de pessoas. Desta forma, sua atuação é fundamental é determinante no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Villas Boas (2009) e Leitão et al. (2003), a avaliação acontece de várias formas na escola, de modo formal ou informal, por meio de provas, exercícios, atividades escritas, produções de texto, relatórios, pesquisas, resolução de questões de raciocínio lógico, questionários, dentre outros. A avaliação formal é aquela que o professor seleciona atividades de avaliação, os critérios que serão avaliados e divulga os resultados. Avaliação informal é aquela onde o professor atua com um olhar investigador e coleta informações que servirão de apoio para a tomada de decisões (avaliação não planejada). Deve ser considerada com seriedade e responsabilidade, pois os seus efeitos podem ser negativos, quando for capaz de gerar rótulos como bom/mau aluno, lento, preguiçoso, etc.

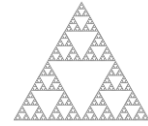
Ambas as avaliações (formal e informal) são importantes no processo de ensino e aprendizagem, pois os estudantes expressam como aprendem de várias formas. Sendo assim, o processo avaliativo necessita estar respaldado em pressupostos claros e critérios previamente estabelecidos, principalmente ao nível de complexidade das habilidades e competências dos alunos e ao currículo.

Sobre o conteúdo em questão, o conceito de proporcionalidade está presente no cotidiano que qualquer pessoa, nas mais diferentes situações, seja ao adequar uma receita de bolo, seja ao analisar um dado estatístico. O aluno começa a desenvolver este conceito bem antes de trabalhá-lo no contexto escolar, porém, apresenta dificuldades ao resolver situações-problemas que o envolva.

Desenvolvimento da atividade

A atividade foi realizada numa escola pública do ABC paulista, com 3 turmas do oitavo ano. Cada uma delas com 22 alunos, em média. A escola pode ser considerada de pequeno a médio porte e está localizada em um bairro de classe média. Ocorreu durante um trabalho de revisão sobre o conteúdo de Proporcionalidade direta e inversa.

O sistema de avaliação adotado pela rede de ensino à qual pertence a escola é trimestral. Durante o trimestre os alunos realizam diversas atividades, em que são



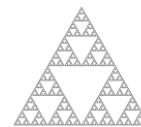
avaliados e uma prova, chamada de prova oficial. Esta, tem um peso de cinquenta por cento na composição da nota trimestral, o restante da porcentagem é composto pelas demais atividades realizadas pelos alunos durante o trimestre, dentre elas, trabalhos dos mais diversos tipos, pesquisa, maquetes, projetos, peças teatrais, dentre outros. Além disso, todos os alunos são avaliados com relação à sua ética em todas as disciplinas, visando à formação humana e cidadã do educando. A média mínima necessária em cada trimestre é de 6,0 pontos em cada uma das disciplinas. Caso o aluno não atinja a média mínima necessária, ele tem a oportunidade de fazer uma prova de recuperação para substituir a nota da prova oficial. Antes da realização dessa prova, os alunos em recuperação têm uma semana do planejamento reservada para um período de recuperação paralela de aprendizagem. E aí temos uma situação a ser pensada e analisada: a dos alunos que não estão em recuperação, que algumas vezes gera desinteresse e até mesmo certa indisciplina da parte desses. E foi nesse período em que resolveu-se aplicar a dinâmica do aluno-monitor aqui relatada.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental do Ciclo II (1998), o professor necessita: Organizar seu trabalho de modo que os alunos desenvolvam a própria capacidade para construir conhecimentos matemáticos e interagir de forma cooperativa com seus pares, na busca de soluções para problemas, respeitando o modo de pensar dos colegas e aprendendo com eles. (BRASIL, 1998, p.63).

Etapa 1: a escolha dos alunos monitores

Apresentou-se aos alunos a ideia de aluno-monitor, trabalhando com eles a importância da solidariedade, troca e companheirismo. Procurou-se mostrar quanto cada uma das partes poderia enriquecer-se com o desenvolvimento da dinâmica proposta.

Para ser um monitor, o aluno precisaria não fazer parte do público alvo do processo de recuperação paralela de aprendizagem; apresentar um aparente domínio sobre o conteúdo a ser trabalhado, a fim de verdadeiramente ajudar o colega e aprender ainda mais com ele; e demonstrar livre e espontânea aceitação em participar da atividade proposta, desempenhando tal papel.



Etapa 2: a escolha dos pares

Cada aluno monitor, ou dupla de alunos monitores, escolhe um ou dois alunos para assessorar, ajudar naquilo que for preciso durante o período de recuperação paralela de aprendizagem. Houve variação nessa distribuição de alunos entre as salas, devido à diferença no número de alunos em processo de recuperação em cada uma delas. Nesta etapa faz-se necessária a mediação do professor, para uma melhor distribuição e formação dos pares.

Etapa 3: o aluno monitor em ação

O aluno monitor tem a função de auxiliar e apoiar o aluno em recuperação na realização das atividades propostas. Essa assessoria acontece sempre sob a supervisão e mediação do professor. Neste caso, em particular, envolveu a recuperação paralela sobre o conceito de proporcionalidade.

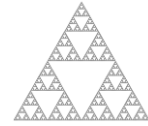
Na sala de aula, os alunos foram organizados em duplas, ou em pequenos grupos. Procurou-se formar um “U” com essa distribuição para que a professora pudesse ter uma melhor circulação entre eles, a fim de mediar as atividades propostas e poder supervisionar a atuação de cada aluno monitor.

Percepções e observações da professora durante a realização das atividades

Primeiramente, o que surpreendeu foi a livre aceitação e grande motivação dos alunos em participar da atividade, desempenhando o papel de aluno monitor. Depois, a maturidade demonstrada ao compreenderem a melhor disposição dos pares. Perceberam que trabalhariam melhor com determinados colegas e com outros poderiam não ter o mesmo rendimento naquele momento.

Houve uma interação bastante positiva e produtiva entre os alunos. A aproximação da linguagem entre eles favorece de forma bastante significativa o entendimento e a aprendizagem matemática. Percebeu-se grande troca e partilha de saberes e conhecimentos, de ambas as partes.

A atividade oportunizou que cada aluno construísse e aperfeiçoasse suas ideias matemáticas. Uma grande vantagem ao se trabalhar em pequenos grupos é o respeito ao tempo de desenvolvimento de cada um dos educandos. Ao mesmo tempo, em que o trabalho do aluno monitor juntamente ao aluno que está em fase de recuperação paralela de



aprendizagem permite o desenvolvimento e a reflexão sobre a importância da cooperação mútua, da socialização de saberes e do exercício da solidariedade.

Percebeu-se também uma maior motivação do aluno recuperando para a realização das atividades propostas. Em contrapartida, o aluno monitor sente-se valorizado ao poder demonstrar seu conhecimento, contribuir e cooperar com o conhecimento do colega. Os alunos relataram que a interação entre os pares ultrapassou os limites do espaço escolar. Durante aquela semana, organizaram-se em pequenos grupos de estudo no horário contra turno para ajudar os colegas em recuperação.

Como forma de incentivo e reconhecimento ao trabalho do aluno monitor, ele receberia uma bonificação no formato de nota, se desempenhasse bem sua função, de acordo com o que foi combinado ao início da atividade.

Possíveis vantagens da estratégia utilizada

Uma das principais vantagens ao se trabalhar com essa dinâmica foi uma maior flexibilidade de tempo para cada aluno construir e aperfeiçoar seu próprio conhecimento, além de cada um poder dedicar o tempo de estudo às suas próprias dúvidas e lacunas do conteúdo em questão. Percebeu-se também um aumento da confiança dos alunos nas suas próprias capacidades, de ambas as partes, dos alunos em processo de recuperação paralela de aprendizagem e dos alunos monitores, o que proporcionou um favorecimento da autonomia e responsabilidade dos educandos.

Observou-se uma melhora na discussão e argumentação matemática durante o processo de recuperação, os alunos evoluíram no modo como se relacionam com o conteúdo trabalhado. Notou-se uma melhor capacidade de organização, entendimento e maior segurança na resolução de situações-problemas.

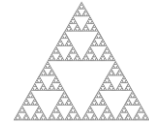
Pode-se ter uma maior variedade das situações de aprendizagem, através de uma gestão em que o conhecimento do aluno seja aplicado de maneira cooperativa, reconhecendo e aproveitando melhor a diversidade e pluralidade disponível na sala de aula.

Foi trabalhada a concepção da avaliação como parte integrante do processo de aprendizagem, a fim de ajudar no crescimento do aluno e não simplesmente medir o seu conhecimento adquirido.

O desenvolvimento da atividade permitiu dar um passo à mais na direção da tão sonhada descentralização do papel do professor.



VI Seminário Nacional de Histórias e Investigações de/em Aulas de Matemática



Após a realização e reflexão acerca da atividade, a estratégia foi utilizada na recuperação de outros conteúdos, avançou para as aulas do reforço escolar e os alunos obtiveram melhores resultados nas avaliações futuras.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Matemática** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

LEITÃO, V. R. et al. **Novos tempos, novas práticas... repensando metodologia e avaliação no Ensino Superior**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v.4, n.10, p.157-172, 2003.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12ª ed. São Paulo: Papirus, 2006.

VILLAS BOAS, B. M. F. (org.). **Virando a escola do avesso por meio da avaliação**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2009 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Hernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.